

Arautos da História da historiografia: as disputas por um conceito de historiografia nas cartas de Amaral Lapa enviadas a Nilo Odália**Karina ANHEZINI***

Resumo: O presente artigo trata da interpretação de uma disputa acerca da definição do conceito de historiografia no Brasil. Dito de forma mais clara, o objetivo principal é analisar as prescrições formuladas por Nilo Odália (1929-2004) e José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), dois professores universitários, que se dedicaram a definir, nas décadas de 1970 e 1980, perspectivas de estudo para a historiografia brasileira. Ambos enfatizaram a importância da historiografia como parte da disciplina histórica, Amaral Lapa almejava vê-la como uma área de especialização que figurasse em suas tabelas e quadros ao lado da História Política, Social, Econômica e Cultural, ao passo que Odália projetava “pensar o fato historiográfico” valendo-se de uma reflexão epistemológica. As fontes privilegiadas nesse estudo são as trocas epistolares que compõem o Arquivo Pessoal Nilo Odália, doado em 2012 ao Cedap (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) da Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) – Campus de Assis.

Palavras-chave: Nilo Odália. José Roberto do Amaral Lapa. Cedap. Historiografia.

Heralds of the historiography of History: disputes by a concept of historiography in the letters of Amaral Lapa sent the Nilo Odália

Abstract: This current article deals with the interpretation of a dispute about the definition of historiography in Brazil. To let it clearer, the main objective is to analyze the requirements formulated by Nilo Odalia (1929-2004) and José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), two university professors, who have dedicated themselves to define, in the 1970s and 1980s , study prospects for the Brazilian historiography. Both emphasized the importance of history as part of the historical discipline, Amaral Lapa craved to see it as an area of specialization that have appeared next to the Political History, Social, Economic and Cultural while Odalia projected "think the historiographical fact" from a epistemological reflection. The privileged sources in this study are the epistolary exchanges that make up Nilo Odalia Personal

* Doutora em História - Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Franca - Av. Eufrásia Monteiro Petrágliã, 900, CEP: 14409-160, Franca, Brasil. E-mail: kanhezini@gmail.com

Archive, donated in 2012 to CEDAP (Documentation Centre and Research Support of the São Paulo State University) of UNESP - Assis.

Keywords: Nilo Odália. José Roberto do Amaral Lapa. Cedap. Historiography.

Talvez não seja exagero dizer que quem analisa a produção de nossos historiadores tem a impressão de que o conhecimento histórico brasileiro sofre do mal de Sísifo, está sempre num processo infindo de reconstituição. O novo historiador assume sempre a postura de que tudo começa com ele. Falta-nos, sem dúvida, uma história da historiografia, que poderia servir como ponte de ligação entre o que se faz e o que se fez. Infelizmente, os trabalhos já realizados não chegam a suprir tais lacunas, porque antes de mais nada são ou o estudo de um único historiador, ou ensaios que muitas vezes apenas afloram a problemática de uma história da historiografia (ODÁLIA, 1997, p. 11).

Será que sofreríamos do mal de Sísifo? Estaríamos, nós historiadores, condenados, assim como Sísifo, ao trabalho sem fim de empurrar um pesado rochedo até o alto de uma montanha e, após o rolar da pedra montanha abaixo, retomar a tarefa e empurrar de volta? Será que a historiografia brasileira estaria condenada a repetir os antecessores infinitamente? Essas questões remetem ao diagnóstico produzido por Nilo Odália (1929-2004) no início de 1978. Partindo de tal diagnóstico, o presente artigo analisará as prescrições para o estudo da historiografia brasileira formuladas por Nilo Odália e José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), nas décadas de 1970 e 1980.

O Arquivo Nilo Odália ensejou a reflexão apresentada nesse texto. Doado em 2012 ao Cedap (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Prof^a. Dr^a. Anna Maria Martinez Corrêa) da Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) – Campus de Assis, esse fundo documental permitiu a construção de um *corpus* composto pela correspondência enviada por José Roberto do Amaral Lapa entre 1975 e 1989 a Nilo Odália. Assim, um dos objetivos do artigo é também divulgar esse acervo, pois se trata de um arquivo ainda inexplorado pelos pesquisadores¹. Outra intenção, reitero, é adentrar a temática dessas trocas: as disputas em torno do conceito de historiografia com o intuito de impor uma agenda de autorreflexão para o conhecimento histórico produzido no Brasil.

Nilo Odália e seu Arquivo no Cedap

O arquivo Nilo Odália nos remete ao encerramento de uma vida e ao encerrar-se de um material, acumulado ao longo de décadas, em um Centro de Documentação. Presenças e ausências circunscritas e impressas em um arquivo que podem significar aberturas para novas pesquisas e compreensões diversas das temáticas ali abordadas. Em seu ofício, o historiador está bastante familiarizado a tomar o arquivo nessa acepção e não raro se

depara com as questões propostas no instigante ensaio *Mal de Arquivo*², de Jacques Derrida. Nele, o filósofo francês desconstruiu o conceito de arquivo, colocando em xeque essa condição primeira do ofício do historiador. Elisabeth Roudinesco, baseando-se no ensaio de Derrida, expõe de maneira clara essa inquietante relação estabelecida com o arquivo:

Existe em todo historiador, em toda pessoa apaixonada pelo arquivo uma espécie de culto narcísico do arquivo, uma captação especular da narração histórica pelo arquivo, e é preciso se violentar para não ceder a ele. Se tudo está arquivado, se tudo é vigiado, anotado, julgado, a história como criação não é mais possível: é então substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto, espelho de si. Mas se nada está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou o delírio, para a soberania delirante do eu, ou seja, para um arquivo reinventado que funciona como dogma (ROUDINESCO, 2006, p. 9).

Roudinesco trata, nesse excerto, dos dois limites ou dos “dois impossíveis” que cercam o arquivo: o seu poder absoluto e a sua recusa. O arquivo Nilo Odália, como qualquer outro, merece ser lido “entre” esses limites, como um descontínuo, lacunar, com uma existência potencial. Por isso, para adentrá-lo, começarei fora dele, com um texto que não compõe o, assim denominado, Arquivo Nilo Odália.

Pouco mais de três anos antes de falecer, Nilo Odália publicou, na revista *Estudos de Sociologia*, o texto “500 anos depois”. Esse texto é uma oportunidade ímpar de se defrontar com a análise apurada desse filósofo e historiador a respeito do país, que comemorava cinco séculos e que ainda não era, segundo sua avaliação, uma verdadeira nação. Ali, num breve ensaio de 12 páginas, Odália mostrou sua atualidade ao voltar-se para os autores que anunciavam, naquele fim de século e milênio, a morte da sociedade e dos valores instaurados no século XVIII. A questão norteadora era pensar como o Brasil se insere nesse tempo de mudanças, dito de outra forma, qual a razão de ser do Brasil?

Olhamos em torno de nós [...] e o que vemos? Dor e sofrimento, miséria e corrupção; instituições políticas falidas e incapazes de exercerem suas atribuições de gerência da coisa pública. Os corruptos delas se servem como se a corrupção e o enriquecimento ilícito fossem os verdadeiros objetivos de tais instituições. Numa sociedade desprovida de valores autênticos, os valores negativos; a corrupção, por exemplo; são assumidos como algo normal, especialmente quando a eles se acrescenta o mito do fazer. Porém, mais grave do que tudo isso é a não-sintonia entre os vários poderes da administração pública e política do país. [...] Quinhentos anos de história e o gigante esboça um sorriso infantil ao ver espocarem os fogos de artifício de uma festa tão triste e desconsolada quanto as faces dos miseráveis que o habitam. (ODÁLIA, 2001, p. 24-25).

Essa arguta análise a respeito do Brasil que, para muitos, parecerá uma notícia do jornal do dia, foi produzida por um homem, professor universitário desde 1965, que acumulou até bem próximo de sua morte, em 2004, grande parte daquilo que compõe de maneira dispersa as caixas friamente acondicionadas nas estantes da sala de “Arquivos Pessoais” do Cedap. Documentação dispersa e organizada. O processo de arquivamento desse acervo teve início no Cedem (Centro de Documentação e Memória) da Unesp que recebeu o material doado pelos familiares de Nilo Odália. Esse arquivamento se desdobrou em uma série de procedimentos técnicos que visam guardar adequadamente os objetos recebidos. A documentação ordenada, essa exterioridade consignada ao Centro de Documentação, é composta por 3.025 livros, 63 títulos de periódicos, sendo 278 exemplares e, segundo o “Relatório de Conservação e Preservação”, 65 conjuntos documentais organizados em pastas suspensas parcialmente identificadas de acordo com a ordem original.

Informada apenas da avaliação feita por Nilo Odália a respeito do Brasil na comemoração dos 500 anos e da preocupação dele voltada para os estudos da historiografia brasileira, como ficou expressa na introdução desse artigo, passei a questionar os motivos da doação desse acervo ao Cedap, localizado na cidade de Assis. As respostas oferecidas pelo arquivo podem ser encontradas nas cartas enviadas ao “Ilustríssimo Senhor, Professor Nilo Odália” para o endereço da “Faculdade de Filosofia de Assis”. Logo, no entanto, fiquei intrigada ao encontrar outra missiva com uma notícia e várias perguntas: “[...] soube por uma carta do Ribeiro³ que você se transferiu para Araraquara. Algum motivo especial o levou a essa decisão? Você aí trabalha com o pessoal de Ciências Sociais?” (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 27 de fevereiro de 1978, Cedap). Quais seriam as respostas? Elas não estão nas cartas conservadas no Arquivo Nilo Odália. O trabalho com cartas⁴ é esmigalhado, composto de histórias sem conexão que provocam a sensação de que os assuntos não tiveram fim, de que a conversa não terminou. Vivendo esse “mal de arquivo” nessa “tensão incessante entre o arquivo e a arqueologia” (DERRIDA, 2001, p. 120) e na busca quase sempre voraz por aquilo que o arquivo perde ou guarda em outros lugares, encontrei as entrevistas. Nelas, nas entrevistas, esses textos alheios ao arquivo, que se descobrem as motivações para que esses documentos, depois de organizados pelo Cedem, ficassem sob a guarda do Cedap e por que Odália pediria transferência para o Campus de Araraquara, em 1978.

Nas entrevistas⁵, concedidas por Nilo Odália em 1992, prevalece o testemunho de um professor, intelectual e pesquisador a respeito de sua formação, de sua carreira acadêmica e, por consequência, de parte importante da história da universidade pública brasileira e da constituição dos Programas de Pós-Graduação, em particular, das áreas de História e Filosofia.

O testemunho narrado e conduzido como uma biografia intelectual, ou como o próprio Odália destaca, uma autobiografia que visa recompor sua história intelectual, inicia-se com o nascimento simbolicamente marcado por um encontro significativo em sua formação. Nasceu em Osasco, em 1929, e foi lá que conheceu Décio Pignatari, o amigo, poeta, ensaísta com quem atuou em algumas peças teatrais, dirigiu outras e cujo estímulo resultou em um livro de contos. Criou juntamente com Pignatari a *Revista de Novíssimos*, na qual Décio, Augusto e Haroldo de Campos publicaram, a partir de 1949, os primeiros poemas e traduções que marcariam a poesia concreta. Enquanto incursionavam pelo mundo intelectual, Nilo Odália fazia o curso Técnico em Contabilidade, o que o impediu de ingressar na Faculdade de Direito com Pignatari, levando-o, por falta de opção, já que a Faculdade de Direito e a de Filosofia não aceitavam alunos egressos dos cursos técnicos, à Faculdade de Ciências Econômicas. No terceiro ano, contudo, após quase ser reprovado por Alice Canabrava⁶ por entregar um trabalho indevidamente repleto de alusões ao *Dom Quixote de La Mancha* que estava lendo, deixou a Economia, que tanto lhe causava desgosto, e passou a cursar Filosofia.

Esse longo percurso de vida, narrado aqui em apenas um parágrafo, deixa de lado muitas referências de leituras, professores e situações destacadas nas entrevistas. As lembranças tratam da época da faculdade e do intenso envolvimento com o teatro, do trabalho na Caixa Econômica e da fase em que Nilo Odália trabalhou no Museu Paulista. Foi justamente nessa etapa da vida, enquanto pesquisava no Museu, que Odália recebeu o convite para trabalhar em Assis.

O ano era 1964 e Nilo Odália fora convidado para lecionar na Faculdade de Assis, um dos Institutos Isolados do interior paulista que contava, naquela época, com o curso de Letras criado em 1959 e com o recém-inaugurado curso de História (1962). A maior missão de Odália em Assis era criar o curso de Filosofia:

Quando eu cheguei lá, em 1965, felizmente eu caí nas graças do Morejón⁷, que foi um sujeito muito delicado comigo. E, logo em seguida, pediu que eu fizesse um projeto para ampliar os cursos de lá. É que faltava um curso de Filosofia. Então, eu fiz um projeto para a criação de um curso de Filosofia. Idealizei um curso de Filosofia tal como eu achava que devia ser naquela época, saí um pouco dos padrões do que era o curso da Faculdade de Filosofia de São Paulo. [...] o curso de Filosofia deveria ser muito mais dirigido para os outros cursos do que para a formação de pessoal. Não importava que houvesse dez alunos, dois alunos ou um aluno. O interesse era que se fizesse um curso que, na medida do possível, fosse integrado aos outros cursos, como um centro único, de alto nível e muito bem integrado. [...] A tal ponto que, quando fiz, por exemplo, o currículo de Filosofia com bastante História, a importância era exatamente o contato do curso de História com Filosofia e vice-versa. E fazer com que Filosofia também participasse do curso de História. Quando pusemos algumas

disciplinas de Letras, ou pusemos Filosofia em Letras, também foi com essa finalidade (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 92-93).

Com essa proposta que entrelaçava os cursos, Odália estava preocupado com uma oferta de referências mais amplas aos alunos e não somente com o resultado de uma formação especializada, por essa razão se dedicou à criação dos cursos de Psicologia em 1966 e Filosofia em 1967, e à reestruturação dos já existentes, Letras e História. Essa participação ativa na implantação dos cursos em Assis levou-o a se opor quando da criação da Unesp em 1976, especialmente porque o curso de Filosofia foi transferido para Marília, desmontando, assim, todos os seus esforços de reformulação das grades curriculares.

Esse episódio, narrado por Odália em uma das entrevistas, ganhou um tom de profundo pesar e uma avaliação bastante pessimista a respeito dos rumos que os cursos tomariam a partir de então. Além disso, alguns anos depois, Nilo Odália também se transferiria para Araraquara, com um profundo desgosto por não conseguir desfrutar do espaço acadêmico que ajudou a criar:

Em 1976, eu me envolvi nessa luta contra o projeto de reforma e de criação da UNESP. Tive que parar de escrever. Escrevi muito pouco, mas em 1977/1978 já estava terminada a tese, e ela ficou dois anos na gaveta por um motivo burocrático. Ah, isso eu preciso contar, acho que foi um desafio que um amigo me fez, um desafio que precisa estar relatado. Eu cheguei para o João de Almeida, que era o diretor na época, em 1978. Falei: "João, eu estou com a tese de Livre Docência pronta. Eu queria defender a tese de Livre Docência aqui em Assis, porque eu fiz toda minha carreira em Assis. Eu queria defender aqui em Assis." A resposta do João de Almeida: "Não tenho verba para fazer". Eu me senti tão magoado que no dia seguinte eu fui para Araraquara. Pedi transferência para Araraquara. Em Araraquara, o diretor era o professor Francisco Borba. Fui até lá e disse a ele: "Borba eu estou querendo me transferir para cá". E o Borba consentiu. E eu coloquei para ele: "Acontece o seguinte, eu estou com minha Livre Docência pronta, só preciso dar um final nela, vou imprimir e quero saber se você garante uma banca para eu fazer a Livre Docência". Ele falou: "Nilo pode vir, é mais um livre docente para nós". Eu não tive dúvida. Uns dias depois, eu já estava com meu pedido de transferência. Foi uma coisa que me deixou profundamente magoado, quer dizer, eu tinha ficado doze, treze anos da minha vida em Assis. Tinha contribuído, acho que fiz uma contribuição. Para mim, foi uma das maiores humilhações, felizmente resgatada pelo Borba em Araraquara (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 96).

A riqueza do Arquivo Nilo Odália vai se construindo entre ausências e presenças, entre os "dois impossíveis", aquele do poder absoluto e da recusa, que cercam o próprio arquivo. Entre as narrativas de uma vida e os diversos entrecruzamentos de temáticas enredadas em diálogos institucionais que perpassam a Unesp, sobretudo, os campi de Assis e Araraquara, mas também a Unicamp, a escolha que fiz nesse artigo foi estudar as cartas

enviadas por José Roberto do Amaral Lapa a Odália e sua temática principal: a História da historiografia brasileira.

As disputas por um conceito de historiografia

[...] eu tinha um plano, um projeto [...] que era fazer uma História da historiografia brasileira [...] (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 95).

O plano de escrever uma História da historiografia começou a se delinear a partir de 1974, quando Odália deu início à sua tese de livre-docência no Hotel de La Sorbonne, onde estava a convite do historiador francês Albert Soboul (1914-1982)⁸. Odália narra a decisão de iniciar essa empreitada da seguinte forma: "Bom, se eu quero fazer isso, eu tenho que começar pelo pai. Então, falei: quem é o pai? O pai é Varnhagen. Então, essa **missão é minha porque eu vou fazê-la servir como um exemplo do que deve ser feito pelos demais**" (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 95, grifo nosso).

Com a missão definida, Nilo Odália contou com um interlocutor também dedicado a semelhante empreitada⁹: José Roberto do Amaral Lapa, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) descreve a aproximação com a historiografia, em 1976, como um flerte que estava se transformando em namoro podendo até virar casamento:

Quanto aos trabalhos de historiografia brasileira aguardo-os com interesse, gostaria mesmo, caso isso lhe seja possível, de vê-los até antes de publicados, pois me jogaram um curso de Historiografia Brasileira em nosso mestrado em História, o que está me obrigando a transformar o que era um simples flerte em namoro, que talvez até acabe dando em casamento. Até o mês que vem deverá sair alguma coisa que resultou das minhas reflexões nesse terreno. Mandarei a você, pois me interessam as suas críticas (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 17 de agosto de 1976, Cedap).

Ambos estavam interessados em contribuir para o desenvolvimento de estudos de historiografia brasileira e construíram em torno desse tema uma amizade crítica e proveitosa. Amaral Lapa descreve de forma espirituosa essa relação mantida especialmente por meio das trocas de cartas e textos que geralmente resultaram em mais cartas e outros textos: "[...] devo dizer-lhe que você faz parte do meu 'colégio invisível' (a expressão é de Solla Price¹⁰), isto é, do círculo de caras com os quais transo intelectualmente". A explicação veio logo a seguir: "Sempre temos esse colégio que integramos por amizade, afinidade intelectual, e outras milongas, respeitando naturalmente todas as divergências e até contradições que possa haver nisso tudo". A carta é de 9 de agosto de 1977 e encerra um

período de discussões em torno de uma importante obra, por isso Lapa conclui: “Trocamos separatas, nos xingamos por cartas e quando um simpósio qualquer permite então a gente se vê e é aquela festa!” (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 09 de agosto de 1977, Cedap).

Essas trocas e a descrição de Amaral Lapa assumem um significado revelador quando, nessas idas e vindas da correspondência, surge uma carta enviada por Amaral Lapa em 18 de outubro de 1976 ao “caro Nilo”. Essa carta se refere a outras duas enviadas por Odália, uma de 25 de agosto, outra de 22 de setembro de 1976, ambas trataram, segundo Amaral Lapa, de uma “[...] série de observações críticas aos meus trabalhos ou mais especificamente de algumas ideias em torno de **uma proposta conceitual que tive a temeridade de fazer em meu último livrinho**”. (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 18 de outubro de 1976, Cedap, grifo nosso).

A fragmentação do arquivo me levou das cartas às obras e lá, na estante que guarda a biblioteca de Nilo Odália, encontrei o “livrinho” *A história em questão: historiografia brasileira contemporânea* (LAPA, 1976). Resultado das pesquisas desenvolvidas por Amaral Lapa no decorrer da década de 1970 e do curso de *Historiografia Brasileira* ministrado em 1975, mencionado na carta acima como um desafio, o livro objetivava “traduzir” o diagnóstico de crise dos estudos históricos no Brasil por meio uma visada quantitativa¹¹, “empírica e informativa” (LAPA, 1976, p. 8) da *Historiografia Brasileira*.

O arquivo sempre permeado pela ausência, pelo lacunar da materialidade, não dispõe das cartas enviadas por Odália¹², mas as seis páginas da carta de 18 de outubro, quando cruzadas com as obras desses intelectuais, são suficientes para indicar as discordâncias e as impertinências do “caro Nilo”.

Amaral Lapa inicia a longa missiva lembrando ao amigo Nilo que suas reflexões não advêm de obra de teórico ou filósofo da História: “[...] não sou e nem nunca fui um teórico ou filósofo da História”. Lapa ressalta que seu intuito era nutrir o debate, ainda muito carente naqueles tempos, sobre a historiografia. Ambos concordavam a respeito da necessidade de realização de uma avaliação crítica da produção histórica, mas o cerne da divergência estava no conceito de *Historiografia*. Amaral Lapa defendia a necessidade de uma definição mais precisa do conceito: “[...] o que pretendi com ela [a proposta conceitual] foi emprestar à *Historiografia* um ritmo analítico dinâmico, (p. 17 do meu livro), incorporando-lhe, portanto, uma função crítica, **o que naturalmente lhe conferirá uma dimensão epistemológica**”. (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 18 de outubro de 1976, Cedap, grifo nosso).

Odália identifica certa ambiguidade ao longo do texto de Amaral Lapa. O filósofo de Assis não considerava tão natural a atribuição de uma dimensão epistemológica à análise historiográfica e avaliava que o colega historiador da Unicamp não percebia com clareza as diferenças dos conceitos de História, Conhecimento Histórico e *Historiografia*. Amaral Lapa

justifica que, por ter produzido o texto no decorrer de muitos anos e não possuir uma atenção voltada para as questões conceituais desde o início, o texto carregaria usos diversos dos conceitos e reproduzia a confusão já instaurada no discurso dos historiadores brasileiros:

Em outras palavras você aponta na minha proposta uma criação de ambiguidade para o conceito de Historiografia. Ora, repare bem que não foi a minha proposta que levou a essa ambiguidade, que há muito é evidente no discurso do historiador brasileiro. A proposta que faço tenta justamente eliminar o uso indiscriminado que os cientistas sociais e os historiadores fazem da palavra e do conceito Historiografia. (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 18 de outubro de 1976, Cedap).

Amaral Lapa destaca que tais confusões podiam ser debitadas à sua “deficiência ou descuido pessoal”, mas em nada desgastariam o conceito proposto, pois acreditava que havia feito uma “opção semântica e epistemológica” e “com ela” estava se aproximando “[...] de uma Meta-História, ou seja, de uma visão crítica e interpretativa do conhecimento elaborado pelos historiadores” (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 18 de outubro de 1976, Cedap).

Qual era a definição em debate? Voltei à estante e lá estava a definição na página do livrinho: “[...] vindo *Historiografia* a ser a análise crítica desse processo de produção do conhecimento histórico e desse conhecimento, enquanto conhecimento, isto é, um conhecimento científico que se perfila pelos métodos, técnicas e leis da ciência histórica” (LAPA, 1976, p.15).

Os esclarecimentos prestados pelo historiador parecem não ter convencido o filósofo. Em carta de 9 de agosto de 1977 as discordâncias voltavam a ser tema:

A carta que fiquei devendo era de agradecimento pela leitura crítica que fez da comunicação que apresentei na Venezuela. Aí vai uma cópia do que lá foi distribuído, por onde você poderá verificar que registrei convenientemente as observações críticas que você me fez. Vou ainda futuramente retomar esse trabalho para tentar deixar mais claras algumas ideias e naturalmente discordar de você em vários pontos (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 09 de agosto de 1977, Cedap).

O Arquivo Nilo Odália guarda as cópias do trabalho “Historiografia latino-americana contemporânea: problemática de suas tendências”, escrito por Amaral Lapa em setembro de 1976 e remetido a Odália em 6 de novembro daquele ano para que “o caro Nilo” passasse em seu crivo. Tratava-se de um trabalho que, a partir de um questionário enviado a diversos historiadores dos países da América Latina, tencionava traçar um perfil latino-americano com o objetivo de “[...] informar os colegas brasileiros sobre o que se passa em matéria de

estudos históricos em nosso continente” (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 08 de novembro de 1976, Cedap).

O texto, apresentado por Amaral Lapa no *II Encuentro de Historiadores Latinoamericanos*¹³ que se realizou em Caracas na Universidade Central da Venezuela entre 20 e 26 de março de 1977, partia da seguinte definição de historiografia:

[...] análise crítica do conhecimento histórico, enquanto conhecimento, de seu processo de produção e da sua utilização na transformação da realidade. Dessa maneira, procura estudar um circuito que vai da ideia à alteração da realidade concreta, na qual esse conhecimento bem como o seu agente gerador podem influir. (LAPA, *Historiografia latino-americana contemporânea: problemática de suas tendências*, 1976, Arquivo Nilo Odália, Cedap)

As definições elaboradas por Amaral Lapa para o conceito de Historiografia colhidas no Arquivo Nilo Odália conduzem a outras divergências. O livrinho *A História em questão* buscava traçar o perfil da historiografia brasileira a partir da reunião de obras contemporâneas e, na avaliação de Odália, compreendia uma segunda grande falha. Ao lado da ambiguidade conceitual, da falta de uma definição clara e consistente de Historiografia, Nilo Odália destacou a sua própria ausência. Ele, que ao narrar o seu percurso intelectual nas entrevistas, reordenou suas escolhas em torno da missão de fazer uma História da historiografia, não constava na lista de autores arrolados por Lapa. Os estudos de Odália não se encaixaram no “recenseamento” dividido em quatro categorias¹⁴ e diversas curvas de produção organizadas por Lapa. Quantificar a historiografia levou Amaral Lapa a excluir o próprio Odália, aquele que almejava construir uma obra que servisse de modelo para os demais estudos de História da historiografia.

Solicitado a se explicar, Amaral Lapa justifica a ausência de Odália porque lhe chamavam a atenção naquele momento dois autores que provocariam “[...] um repensar do quadro historiográfico convencional” (LAPA, 1976, p. 191): Pedro de Alcântara Figueira com a tese *Historiografia brasileira: 1900-1930 (Análise Crítica)*, de 1974, e Carlos Guilherme Mota com o artigo “A historiografia Brasileira nos últimos quarenta anos: tentativa de avaliação crítica”, de 1975.

Esses textos significariam a “ruptura do pacto consensual”, primeiro subtítulo da quinta parte de *A História em questão* que apresenta o manifesto: “Para uma História da Historiografia Brasileira”. Amaral Lapa explica o pacto como uma das limitações da Historiografia brasileira marcada pelo “[...] caráter repetitivo dos modelos analíticos, em relação aos perfis e às obras mais significantes, e do arrolamento dos impedimentos à maior operacionalidade do historiador”. (LAPA, 1976, p. 190)

Os estudos preliminares de Nilo Odália dedicados a Varnhagen até aquele momento não significaram, para Lapa, a plena ruptura do pacto consensual que somente seria alcançada mediante “uma nova proposta teórica substantiva” (LAPA, 1976, p. 191). Os trabalhos de Odália estavam longe dessa avaliação, pois representavam apenas a necessária “tarefa ingrata” na qual Nilo “[...] se meteu a fazer, isto é, ir até os monstros sagrados: Varnhagem, Capistrano, Euclides e decifrá-los” (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 17 de agosto de 1976, Cedap).

Essa avaliação de Lapa surpreendia Odália. Seu estranhamento diante da ausência de menção aos seus estudos, conhecidos por Amaral Lapa desde, pelo menos, 1976, se relacionavam também aos esforços dispensados por ele ao projeto, partilhado com o colega, de escrever uma História da historiografia por meio da prática cotidiana de reestruturação de um curso de História em Assis, fortemente vinculado à Filosofia e com a preocupação em formar grupos de alunos de pós-graduação dedicados a “pensar o fato historiográfico”.

Os esforços de Odália resultaram na tese de Livre-Docência¹⁵, *As formas do mesmo*, que havia motivado sua transferência de Assis para Araraquara em tempos, politicamente descritos por Odália como: “nós de um lado, [...] e do outro lado estava a ditadura”. Vencido em sua oposição contra a criação da Unesp, Odália participou das articulações para a criação da Associação dos Docentes da Unesp, da qual foi presidente entre 1978 e 1980¹⁶. Sua militância como presidente da Associação visava evitar as demissões de professores provocadas pela reestruturação dos Institutos Isolados: “foi um dos trabalhos maiores que eu tive”, relata Odália em uma das entrevistas (DIAS; CORRÊA, 2002, p. 17, Cedap). O trabalho a respeito de Varnhagen foi finalizado nesse período conturbado, em meio a vários enfrentamentos político-institucionais.

Ao sair das caixas que guardam as cartas e dos arquivos das entrevistas, volto-me, novamente, para a estante do Arquivo Nilo Odália para encontrar *As formas do mesmo*. A tese de Livre-Docência “As formas do mesmo: um estudo de historiografia”, defendida em 1979, foi publicada somente em 1997, mesmo com um pedido de Amaral Lapa para editá-la ainda em 1978: “[...] agora falo como editor, gostaria que se você transformar mesmo em livre-docência, depois que passar pelo torneio, reservasse o original para a coleção que vou dirigir para a Vozes.” (Carta de LAPA a ODÁLIA, Campinas, 27 de fevereiro de 1978, Cedap). Esse dado é fundamental para a compreensão da avaliação dos estudos de historiografia que o livro¹⁷ carrega. Odália considera que os ensaios existentes até o final da década de 1970, época da conclusão do estudo, apenas afluíam a problemática da história da historiografia, mas deixavam de considerar a historiografia brasileira como uma “[...] experiência passível de ser pensada por si mesma, e não por suas vinculações, estruturais, sem dúvida, com fenômenos gerais como o capitalismo, o imperialismo etc.” (ODÁLIA, 1997, p. 13). O que interessava a Odália era demonstrar certa autonomia da

historiografia nacional que decorreria de uma experiência singular e, por esse motivo, a historiografia deveria ser estudada como um “**estilo de pensar o fato brasileiro**” (ODÁLIA, 1997, p. 13, grifo nosso). Para ele, o caminho seria estudar o pensamento historiográfico de Varnhagen com base em um método. Saindo da obra e voltando às entrevistas, encontro longas explicações das escolhas teóricas norteadoras da interpretação que Odália fez de Varnhagen:

Feita essa escolha (Varnhagen), eu precisava de um método, eu estava procurando um método. "Mas, como é que eu vou fazer?". Há uma coisa que eu sempre desconfiei no marxismo, consciente ou inconsciente: todos os livros de história, do pensamento, no fundo eles eram sempre tautológicos. No fundo eles chegavam sempre aos mesmos pontos. Já se partia de onde se queria chegar para demonstrar o que tinha que ser demonstrado. E isso sempre, de certa maneira, me irritou muito. É que muitas pessoas tomavam Marx de forma muito elementar e achavam que era só aplicar aquilo e ponto final. Veja os próprios livros de Nelson Werneck Sodré, que sempre me irritavam. Eu sempre gostei do Nelson Werneck Sodré. É contraditório isso que eu estou dizendo, mas sempre me irritava porque o linguajar dele, a forma como ele dizia as coisas, descobria ou levantava certas coisas, muito interessantes, mas ele não dava continuidade porque ele estava querendo fazer uma demonstração de uma tese. A Formação Histórica do Brasil é um livro gostoso de se ler, mas se lido com atenção, constata-se que não tem nenhum rigor científico: o uso de expressões como semi-feudal, o semi-não-sei-o-quê e o semi-não-sei-lá, isso não dá para engolir! E depois, é a mesma coisa de você ler o Jorge Amado de Jubiabá. Os comunistas são sempre bonzinhos. É irritante! Eu li o Jorge Amado aos dezessete anos, me irritava ver que o cara era sempre o comunista e era sempre o bonzinho, o cara era sempre ruinzinho, quer dizer, um esquema muito à flor da pele. Nelson Werneck tem isso. Então, isso sempre me irritou (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 96).

Com o objetivo de abandonar essa leitura “simplista” do marxismo, Odália estudou Varnhagen segundo a chave de leitura proposta pela filosofia crítica de Lucien Goldmann (1913-1970), buscando escapar do esquema de análises de obras como *reflexo* da realidade social.

A minha descoberta de Goldman foi através do *Le dieu caché*, que eu ainda considero um grande livro. Para mim foi um livro fundamental. É claro que, no meu caso, o objetivo era Varnhagen que eu tinha como projeto fazer uma história da Historiografia. **Eu queria que também, na História da Historiografia, houvesse uma metodologia única.** E eu achava muito conveniente, muito interessante essa metodologia do Goldmann. Então, eu analisei o Varnhagen nesse sentido e, eu acho que fui feliz, dentro das possibilidades de **encontrar uma estrutura significativa na obra dele:** Estado, nação, povo brasileiro, homem branco brasileiro (CORRÊA; DIAS, 2011, p. 96, grifo nosso).

Para Odália, um estudo de historiografia estava, necessariamente, atrelado ao desenvolvimento de um método, uma “metodologia única” para a História da historiografia.

Sua ambição de criar um modelo se deu a partir do encontro com o estruturalismo. Esse encontro iniciado com a leitura de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Ferdinand Saussure (1857-1913) levou-o a “[...] verificar que aquelas explicações [...] eram muito mais satisfatórias sobre as coisas do que as outras” (CORRÊA; DIAS, 2011. p. 94). Odália se referia, sobretudo, à sua insatisfação e, posterior, releitura do marxismo:

Depois, lendo Marx, eu fiz uma leitura muito estruturalista dele. [...] Em 1966 que eu comecei a ler o estruturalismo. Minha releitura depois, de Marx, foi mais em termos gerais e depois passou a ser mais localizada. Eu li mais o Marx metodológico. [...] Goldmann me humanizou um pouco, me humanizou bastante, aliás. Quando ele fala da relação entre uma estrutura e o homem, a ligação do social, como é que se encontra o social. Então eu estava procurando (CORRÊA; DIAS, 2011. p. 95).

Ele estava procurando um autor que possibilitasse pensar o Brasil estruturalmente. Essa seria a construção do “fato historiográfico”, ou seja, encontrar numa obra, a de Varnhagen, uma estrutura significativa (Estado, nação, povo brasileiro, homem branco brasileiro) capaz de explicar o Brasil. Esse caminho escolhido por Odália para pensar a historiografia, descrito apenas nas entrevistas, pode indicar as motivações para as reiteradas discordâncias acerca do conceito de historiografia de Amaral Lapa.

Em meio a tantas ausências e construções de presença, o Arquivo Nilo Odália guarda esse intrincado jogo de avaliações e de propostas para a Historiografia. De um lado, as cartas de Amaral Lapa anunciam a ausência de estudos de Historiografia e a condição para supri-la, ou seja, a necessária criação de um conceito de Historiografia para quantificar a produção com o intuito de traçar perfis e tendências; de outro, Odália anuncia a inconsistência teórica do conceito elaborado por Lapa e define um plano teórico-metodológico baseado no estruturalismo de Goldmann para servir de modelo para a História da Historiografia.

Embora em uma visada mais geral, Amaral Lapa e Nilo Odália possam ser agrupados como autores que se ocuparam nas décadas de 1970 e 1980 com a História da historiografia (GUIMARÃES, 2005)¹⁸, pois ambos enfatizaram a importância da historiografia como parte da disciplina histórica, esses arautos da História da historiografia não compartilhavam de um mesmo conceito de historiografia e disputavam espaços para projetos distintos. Amaral Lapa almejava vê-la como uma área de especialização que figurasse em suas tabelas e quadros ao lado da História Política, Social, Econômica e Cultural, ao passo que Odália projetava “pensar o fato historiográfico” valendo-se de um modelo único de análise a fim de compreender a singularidade da experiência brasileira.

A leitura mais detida desses autores e a alusão ao mal de Sísifo da citação que abre esse artigo me fazem questionar, de maneira um tanto irônica, se, na insistente definição de

agendas de pesquisa e imposição de rumos para a historiografia, não estaríamos a rolar, indefinidamente, montanha acima a mesma pedra.

Recebido em 8/4/2015

Aprovado em 15/5/2015

NOTAS

¹ O presente texto teve sua primeira versão apresentada no 7º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha ocorrido em Mariana, Minas Gerais, em 2013. Cf. ANHEZINI, K. . Diálogos epistolares entre Nilo Odália e Amaral Lapa: para uma história da historiografia brasileira. In: 7º SNHH - Seminário Brasileiro de História da Historiografia, 2013, Mariana. *Anais do 7º SNHH - Seminário Brasileiro de História da Historiografia*. Ouro Preto: EDUFOP, 2013. p. 1-10. Agradeço a leitura e sugestões dos coordenadores do Simpósio “O discurso histórico no século XX: entre interpretação e especialização” Matheus Pereira e Thiago Nicodemo.

² DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. O ensaio de Jacques Derrida, publicado na França em 1995 e traduzido para o português em 2001, insere-se num contexto muito específico marcado pelos debates acerca do holocausto judaico e as desconstruções dos ‘arquivos do mal’. Nesse sentido, faço aqui uma apropriação estendida da problematização realizada pelo autor no intuito de pensar mais amplamente a desconstrução do conceito de arquivo.

³ O historiador José Ribeiro Júnior ingressou como docente do Departamento de História em Assis em 1965 e, em artigo recentemente publicado, relata um pouco de sua convivência com Odália: “Na mesma data iniciou em Assis o professor Nilo Odália, com formação básica em filosofia e quem eu já conhecia do Museu Paulista. Ele já escrevia no *Estadão*, tinha sólida formação intelectual historiográfica, filosófica e literária e vasta experiência no ensino de segundo grau. Também originário de São Paulo (USP), foi selecionado para responder por *Introdução aos estudos históricos* e depois por *Teoria da história*. Foi como regente e logo fez seu doutorado. Com Nilo aprendi, entre muitas coisas, o hábito da leitura de grandes literatos, ao lado de historiadores. Essa convivência foi importante para mim e me transmitia autoconfiança. Influenciou na criação do Clube de Cinema da FAFIA, que me forneceu referências inusitadas de aprendizagem”. (RIBEIRO JÚNIOR, 2013, p. 37).

⁴ Cf. ARTIÈRES, 1998; FRAIZ, 1998; GALVÃO, 1998, 2000; GOMES, 1998, 2004; VENÂNCIO, 2001; MALATIAN, 2009.

⁵ Os textos que compõem o depoimento publicado nos *Cadernos do CEDEM* foram extraídos das duas “entrevistas concedidas ao projeto *Memória da Universidade*, do CEDEM, pelo professor Nilo Odália. [...] Os dois primeiros [depoimentos], contendo informações sobre Assis, fazem parte do projeto – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo. 1923-1976 - Memória e História. O primeiro depoimento, datado de 17/02/1992, gravado no CEDEM por Anna Maria Martinez Corrêa, tem a duração de 93 minutos, e encontra-se transcrito com 53 páginas. O segundo foi gravado em 14/04/1992, no CEDEM por Anna Maria Martinez Corrêa e conta com 120 minutos de gravação e com 72 páginas transcritas. Um terceiro depoimento [que não consta do texto publicado], como parte do projeto *Uma Universidade Multicampi no interior paulista. Memória e História da criação da Unesp e de seus primeiros anos de funcionamento (1976 – 1984). Uma contribuição ao Arquivo de História Oral do CEDEM* nos foi concedido em 14/04/2002, tendo sido colhido por Márcia Regina Tosta Dias e Anna Maria Martinez Corrêa com 90 minutos de gravação e com 41 páginas de transcrição”. (CORRÊA; DIAS, 2011: 83).

⁶ Alice Piffer Canabrava (1911-2003) foi a primeira mulher a atingir a condição de catedrática na Universidade de São Paulo com tese apresentada na Cadeira X de História Econômica Geral e do Brasil da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA) em 1951, tendo se aposentado em 1981. Para um estudo detalhado a respeito da trajetória da autora: ERBERELI JÚNIOR, 2014.

⁷ O catedrático de Língua e Literatura Espanhola Julio García Morejón era Diretor da Faculdade de Assis em 1965. Cf. (SILVA; FERREIRA, 2012).

⁸ Em carta de 07 de julho de 1975, Amaral Lapa faz referência à volta de Nilo Odália de Paris a Assis: “[...] pois é, para nosso bem ou nosso mal, há sempre uma volta. Depois de uma temporada em Paris todo burguês que se preza tem uma Assis à sua espera...” (Carta enviada por Lapa a Odália, 07 de julho de 1975, Cedap).

⁹ O pesquisador interessado nos diálogos epistolares entre Nilo Odália e José Roberto do Amaral Lapa encontrará 11 cartas trocadas entre 1975 e 1989. Arquivo Nilo Odália – Cedap (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) – Unesp – Campus de Assis. (<http://www.assis.unesp.br/#!/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/acervo-do-cedap/arquivo-nilo-odalial/>).

¹⁰ Derek John Solla Price (1922-1983) físico, professor de História da Ciência na Universidade de Yale.

¹¹ Partilho da avaliação dessa obra realizada por Manoel Luiz Salgado Guimarães de *História e de Historiografia: Brasil pós-64* (1985): “O catálogo minucioso de obras e autores criticado por Amaral Lapa em sua definição de historiografia, parece manter-se como princípio, só que agora confeccionado a partir de indicadores que fornecem ao leitor os rumos da produção historiográfica brasileira” (GUIMARÃES, 2005, p. 41)

¹² Tais cartas podem ser consultadas no Centro de Memória - Unicamp (Amaral Lapa foi um dos fundadores desse Centro de Memória) na Coleção José Roberto do Amaral Lapa que está em fase de organização (<http://www.cmu.unicamp.br/arqhist/servicos/pesquisar/index.php?acao=pesquisar&tarefa=visualizar&acervo=>).

¹³ “[...] em 1974 um grupo de historiadores pertencentes à Universidade Nacional Autônoma do México (Colégio de História e Centro de Investigações Históricas) realizou naquele país, de 15 a 19 de julho de 1974 o *I Encuentro de Historiadores Latinoamericanos* que marcou o início de um movimento, ao que tudo indica agora institucionalizado e irreversível. [...] Confirmando a vitalidade do movimento iniciado no México, realizou-se de 20 a 26 de março o *II Encuentro de Historiadores Latinoamericanos*, promovido desta feita pela Universidade Central da Venezuela (Escola de História da Faculdade de Humanidades e Educação), do qual participaram 210 historiadores, total que se distribui em 44 convidados especiais, 10 delegados latino-americanos, 87 delegados venezuelanos e 69 observadores. Participam também das sessões de estudos 100 estudantes venezuelanos” (LAPA, 1978, p. 164-165). No Arquivo Nilo Odália há uma carta de 12 de setembro de 1983 de Amaral Lapa noticiando o *IV Encuentro de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe* e a nova diretoria da Seção Brasileira da ADHILAC. Cabe destacar que Amaral Lapa foi presidente da Seção Brasileira da ADHILAC.

¹⁴ Cabe aqui reproduzir o quadro: “1) Análises gerais qualitativas da produção e/ou das dificuldades dos estudos históricos {A. P. Canabrava, Francisco Iglésias, Nelson Werneck Sodré}; 2) Análise qualitativas setoriais, por temas ou períodos {Caio Prado Júnior, Cecília M. Westphalen, Charles R. Boxer, E. Bradford Burns, Giselda Mota, J. R. Amaral Lapa, Luís Lisanti, Odilon Nogueira de matos, Otávio Tarquínio de Souza, Pedro Moacir Campos, Sérgio Buarque de Holanda, Stanley j. Stein, Thomas Skidmore, Vitorino Magalhães Godinho}; 3) Análise crítica da(s) ideologia(s) da História do Brasil, com propostas de classificação dos historiadores e periodicidade da evolução do pensamento histórico (gerais setoriais) {Carlos Guilherme Mota, Emília Viotti da Costa, José Honório Rodrigues, Pedro Alcântara Figueira}; 4) Levantamentos descritivos, gerais ou setoriais, do quadro referencial {Américo Jacobina Lacombe, Eurípedes Simões de Paula, Hélio Vianna}”. (LAPA, 1976, p. 22)

¹⁵ Em carta de 07 de agosto de 1979 Amaral Lapa responde que não poderá compor a banca de livre-docência de Odália e expressa sua preocupação com os rumos da universidade: “[...] deixa-me aproveitar [...] para mandar-lhe esse rápido bilhete. Rápido por que não pretendo contribuir para perturbar ainda mais seus preparativos para a livre-docência. Fui à Consultoria Jurídica, aqui da UNICAMP, e eles me confirmaram o que eu já sabia e havia lhe dito: não posso fazer parte de sua banca. Não sou considerado o equivalente a Professor Titular. Já aconteceu isso anteriormente, pois fui convidado a participar das bancas de livre-docência do Luiz Palacin (Goiás), Carone (aí de Araraquara) e Carlos Guilherme e não foi possível aceitar por esse motivo”. É claro que estas coisas me preocupam, pois como conversamos a partir do Projeto do ano passado começou a haver um achatamento salarial que crescerá evidentemente com o tempo. Não acharia isso errado, se ele não se baseasse num critério único, que é o de privilegiar o título universitário só, estimulando o carreirismo, particularmente num país em que o valor dos concursos acadêmicos é bastante discutível (Carta enviada por LAPA a ODÁLIA, Campinas, 07 de agosto de 1979, Cedap).

¹⁶ “Eu sempre digo três coisas, eu infelizmente conheci meus professores e meus colegas em três níveis: como professor, como presidente da Associação dos Docentes [da UNESP] e como diretor, e esse conhecimento foi horrível. Você conhece as pessoas de forma diversa como colega é uma coisa, como presidente da Associação é outra e como diretor é outra e, especialmente aqui na reitoria. É horrível” (DIAS, Márcia Regina Tosta; CORRÊA, Anna Maria Martinez. Entrevista de Nilo Odália para o Projeto Uma Universidade Multicampi no interior paulista. Memória e História da criação da Unesp e de seus primeiros anos de funcionamento (1976 – 1984). Uma contribuição ao Arquivo de História Oral do CEDEM, 14/04/2002, p. 17, Cedap).

¹⁷ Não analisei de maneira mais detida a obra *As formas do mesmo* porque privilegiei tratar das cartas disponíveis no Arquivo Nilo Odália. No entanto, saliento a importância de uma análise que cotejasse a tese e o livro e estabelecesse o cruzamento dessas com a biblioteca do autor que também compõe o Arquivo.

¹⁸ Manoel Luís Salgado Guimarães destaca que a “tarefa da historiografia” foi definida pelos autores como aquela capaz de “fornecer subsídios para uma história das ideologias”. Dessa forma, a “chave de leitura” para os textos historiográficos seria identificar neles “um processo de construção de uma ideologia política, como parte de um processo social de dominação” (2005, p. 42).

FONTES

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 07 jul. 1975. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 17 ago. 1976. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 18 out. 1976. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 08 nov. 1976. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 09 ago. 1977. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 27 fev. 1978. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

LAPA, José Roberto do Amaral. Carta enviada a Nilo Odália. Campinas, 07 ago. 1979. Arquivo Nilo Odália. CEDAP.

REFERÊNCIAS

ANHEZINI, Karina. Diálogos epistolares entre Nilo Odália e Amaral Lapa: para uma história da historiografia brasileira. In: 7^o SNHH - Seminário Brasileiro de História da Historiografia, 2013, Mariana. *Anais do 7^o SNHH - Seminário Brasileiro de História da Historiografia*. Ouro Preto: EDUFOP, 2013. p. 1-10.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

CORRÊA, Anna Maria Martinez; DIAS, Márcia Regina Tosta. Entrevista com o professor Nilo Odália, *Cadernos CEDEM*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 83-97, 2011. Disponível em: <<http://www2.marília.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/689>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ERBERELI JÚNIOR, Otávio. *A escrita da história entre dois mundos: uma análise da produção de Alice Piffer Canabrava (1935-1961)*. 2014. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) UNESP, Assis, 2014.

FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. *Historiografia brasileira: 1900-1930*. 1974. 222 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Assis, 1974. mimeo.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A margem da carta. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 7, p. 47-57, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

_____. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 31-47, jan./ jun. 2005.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A história em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. América Latina: o modo de produção do conhecimento histórico, *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 164-171, dez. 1978.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MOTTA, Carlos Guilherme. A historiografia brasileira nos últimos quarenta anos: tentativa de avaliação crítica. *Debate & Crítica*, São Paulo, n. 5, p. 11-26, mar, 1975.

ODÁLIA, Nilo. 500 anos depois. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 6, n. 10, p. 21-32, 2001. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/178>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

_____. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

RIBEIRO JÚNIOR, José. Memórias de um profissional de história. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 11, p. 33-44, abr. 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SILVA, Zélia Lopes; FERREIRA, Sandra Aparecida (org.). *A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro*. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2012. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/#/114/>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 23-24, 2001.